

O TERAPEUTA DIANTE DA COMPLEXIDADE DOS RELACIONAMENTOS NÃO MONOGÂMICOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁTICA CLÍNICA ÉTICA

EL TERAPEUTA ANTE LA COMPLEJIDAD DE LAS RELACIONES NO MONÓGAMAS: RETOS Y POSIBILIDADES PARA LA PRÁCTICA CLÍNICA ÉTICA

THE THERAPIST FACING THE COMPLEXITY OF NON-MONOGAMIST RELATIONSHIPS: CHALLENGES AND POSSIBILITIES FOR AN ETHICAL CLINICAL PRACTICE

VALÉRIA NICOLAU PASCHOAL^{1 2}

¹ INTERFACI,
São Paulo, SP, Brasil

² The Taos Institute,
Chagrin Falls, Ohio, USA

RESUMO: Escrevo este artigo como uma forma de responder a alguns questionamentos e inquietações que podem surgir no atendimento a pessoas não monogâmicas. Partindo da ideia de terapia como construção social em que sustentamos a não neutralidade do profissional, resalto a importância de ampliarmos nosso repertório no campo dos relacionamentos afetivo-sexuais. Meu objetivo é desenvolver conhecimento e/ou aprofundamento de temas como a não monogamia e outras formas de amar que não sejam mononormativas, para encorajar intervenções terapêuticas que abarquem a diversidade, muitas vezes desconhecidas pelo terapeuta. Como nós terapeutas, aprendemos o que é ser um bom casal? Como nos posicionamos eticamente frente àquilo que pode nos causar estranhamento? Que tipos de mundo, de pessoa, de casal e de família estamos criando nas nossas conversações terapêuticas? Estes e outros questionamentos nos ajudarão a olharmos para os aspectos sociais, históricos e políticos de nossa prática. Espero que a leitura seja um convite para nos atentarmos à postura crítica e reflexiva aos processos relacionais e à nossa responsabilidade em construirmos um espaço de diálogo que esteja aberto à desconstrução de discursos dominantes, como o da monogamia.

Palavras-chaves: não monogamia; terapia de casal; diversidade; postura colaborativa-dialógica; construcionismo social; ética relacional

RESUMEN: Escribo este artículo para abordar algunas preguntas e inquietudes que pueden surgir al trabajar con personas no monógamas. Partiendo de la idea de la terapia como un constructo social que apoya la no neutralidad del profesional, enfatizo la importancia de ampliar nuestro repertorio en el ámbito de las relaciones afectivo-sexuales. Mi objetivo es desarrollar conocimientos y/o profundizar nuestra comprensión de temas como la no monogamia y otras formas de amor no mononormativas, para fomentar intervenciones terapéuticas que abarquen la diversidad, a menudo desconocida para el terapeuta. ¿Cómo aprendemos los terapeutas lo que significa ser una buena pareja? ¿Cómo nos posicionamos éticamente ante aquello que puede hacernos sentir extraños? ¿Qué tipos de mundos, personas, parejas y familias estamos creando en nuestras conversaciones terapéuticas? Estas y otras preguntas nos ayudarán a considerar los aspectos sociales, históricos y políticos de nuestra práctica. Espero que esta lectura nos invite a considerar una postura crítica y reflexiva hacia los procesos relacionales y nuestra responsabilidad de construir un espacio de diálogo abierto a la deconstrucción de discursos dominantes, como el de la monogamia.

Palabras claves: no monogamia; terapia de pareja; diversidad; postura colaborativa-dialógica; construcionismo social; ética relacional

Recebido em: 18/03/2025
Aceito em: 27/06/2025

<https://www.doi.org/10.38034/nps.v34i82.847>

ABSTRACT: I am writing this article to address some questions and concerns that may arise when treating non-monogamous individuals. Based on the idea of therapy as a social construct that supports the non-neutrality of the professional, I emphasize the importance of expanding our repertoire in the field of affective-sexual relationships. My goal is to develop knowledge and/or deepen our understanding of topics such as non-monogamy and other forms of love that are not mononormative, to encourage therapeutic interventions that embrace diversity, often unknown to the therapists. How do we therapists learn what

it means to be a good couple? How do we position ourselves ethically when faced with what may cause us to feel strange? What kinds of worlds, people, couples, and families are we creating in our therapeutic conversations? These and other questions will help us examine the social, historical, and political aspects of our practice. I hope this reading invites us to consider a critical and reflective stance toward relational processes and our responsibility to build a space for dialogue that is open to deconstructing dominant discourses, such as that of monogamy.

Keywords: non-monogamy; couples therapy; diversity; collaborative-dialogical stance; social constructionism; relational ethics

Meu interesse pelo estudo da não monogamia surgiu da necessidade de aprofundar minha capacidade de estar radicalmente presente (McNamee, 2018) e desenvolver uma escuta sensível para dinâmicas relacionais que, até então, me eram pouco familiares, tanto pessoalmente quanto profissionalmente. Com mais de uma década de experiência em estudos sobre família e casal, percebi que os modelos tradicionais de relacionamento não contemplavam a diversidade de experiências afetivas que apareciam no consultório e que era fundamental ampliar meu olhar e conhecimento para outras formas de amar.

Uma reflexão de Perel (2018) talvez resuma essa inquietação sobre o que os terapeutas aprendem a considerar como uma relação legítima:

Quando eu estava estudando para me tornar terapeuta, uma relação era, por natureza, o envolvimento de duas pessoas. Eu nunca encontrava as palavras “tríade”, “quadra” ou “grupo poliamoroso”, já que sistemas alternativos de relacionamento não tinham legitimidade. E no entanto tudo isso faz parte da minha profissão hoje em dia (Perel, 2018, p. 230).

Esse trecho evidencia como o campo da terapia, historicamente, tem operado dentro de uma visão mononormativa, tornando invisíveis outras formas de vínculo e afetividade. Como nós, terapeutas, estamos escutando, refletindo e respondendo às pessoas com as quais trabalhamos (indivíduos, casais, famílias, redes, entre outros), quando eles nos apresentam diferentes maneiras de construir suas relações? Diante da complexidade dos relacionamentos não monogâmicos, o que nós precisamos saber para uma prática clínica ética?

Não pretendo oferecer um manual definitivo sobre a não monogamia na clínica, nem estabelecer diretrizes para terapeutas. Meu objetivo é levantar questionamentos, desafios e possibilidades para uma prática ética e sensível às questões contemporâneas. Para uma prática clínica que tenha espaço para a desconstrução de modelos normativos, para a valorização da diversidade, a curiosidade sobre a cultura local, e que não reproduza violências. Como destaca McNamee (2018) não existem orientações específicas que garantam uma ação ética, porém, podemos nos valer de alguns recursos conversacionais. Nesse sentido, o convite é para que sigamos nos questionando para construirmos caminhos que nos permitam estar com nossos clientes de uma maneira colaborativa e dialógica.

Visto isso, neste artigo explorarei algumas ideias para refletirmos sobre uma prática clínica ética na não monogamia. Trarei algumas considerações em torno de alguns mitos sobre a não monogamia e do ideal do amor romântico com exemplos da clínica – extraídos de uma pesquisa com pessoas não monogâmicas –, tendo como aporte teórico e filosófico o construcionismo social e as práticas colaborativo-dialógicas.

NÃO MONOGAMIA: UM “NOVO” JEITO DE AMAR?

Uma das importâncias no estudo das diversas formas de amar, está no fato de não considerarmos a não monogamia como algo novo, ‘da moda’ ou um comportamento ‘natural’ da juventude. Comentários que podem soar como agressivos, como ressalta Núñez (2023), justamente por invisibilizar a luta dos povos indígenas por manter vivos seus modos de vida para além da monocultura.

Antes de avançarmos, é essencial situarmos a não monogamia como um termo guarda-chuva que abrange diferentes concepções e práticas relacionais. De um lado, há uma abordagem que questiona a exclusividade afetivo-sexual e valoriza a possibilidade de múltiplas relações simultâneas. De outro, há uma perspectiva política crítica, que compreende a monogamia não apenas como um modelo relacional, mas como um sistema de normatização e controle dos afetos, sustentado por estruturas

sociais e históricas. Embora não seja a minha intenção aprofundar essa distinção neste artigo, é importante destacar que a não monogamia vai além da quantidade de relações e convida a reflexões mais amplas sobre dinâmicas de poder e liberdade nos vínculos afetivos. Para ilustrar essa perspectiva, trago uma definição de não monogamia política que considero pertinente:

A construção de uma identidade política pautada em um projeto contra-hegemônico de não-monogamia. Ela se dá na busca pela emancipação dessa violência colonial e portanto conjuga em si o pensamento anticolonial. É também uma luta contra a cisheteronorma presente na concepção da estrutura monogâmica, interligada ao pensamento cristão, que naturaliza a LGBTfobia. A Não-Monogamia Política é a proposta de um norteador para um projeto de vida que busca construir as relações sem as hierarquizar. (Lima Junior & Miranda, 2022, pp. 248 – 249).

Núñez (2023) apresenta a ideia de monocultura como um grande sistema que reduz a diversidade e impõe uma única forma de existência – seja na terra, na fé, na sexualidade ou nos afetos. Quando entendemos a monogamia como uma monocultura dos afetos, localizamos esse sistema como um modelo que exclui outras possibilidades relacionais, sustentando a crença de que há apenas uma verdade sobre o amor e os vínculos (Núñez, 2023). Esse modelo inviabiliza a concomitância, isto é, reforça a ideia de que um relacionamento amoroso e afetivo-sexual só é legítimo quando é exclusivo, fixo e duradouro.

Ao contrário da monogamia, que se estabelece como o único modelo válido e universal, a autora enfatiza a relevância de compreendermos a não monogamia não como um novo padrão, mas como a abertura para múltiplas possibilidades relacionais. Nesse sentido, ela propõe a diversidade como um contraponto à lógica da monocultura, ampliando o olhar para formas plurais e artesanais de construção de vínculos.

Uma das violências do sistema de monoculturas é a tentativa de impor um mesmo modelo ao planeta inteiro. Não tem como ser saudável algo que se propõe como universal, pois a homogeneização não leva em conta as singularidades e especificidades. (...) Não há receita pronta que funcione para todas as pessoas no mundo. Por isso utilizo a noção de artesanania dos afetos para chamar a atenção para essa construção, que é sempre irrepetível em cada trajetória. (Núñez, 2023, p. 124).

Para Vasallo (2022), a monogamia funciona como um sistema invisível, que se confunde com o próprio conceito de amor e de casal. Esse sistema foi amplamente construído e reforçado pela arte e pela publicidade, naturalizando ideias como o amor ‘autêntico’ ou ‘natural’ ancorados nas ideias de romantização do vínculo, compromisso sexual e exclusividade.

Essa estrutura se sustenta naquilo que podemos chamar de hetero mononormatividade e no que Vasallo (2022) apresenta como a trilogia central amor-casal-monogamia heterossexual, como padrões sociais esperados. Para ela, a imposição da heterossexualidade e da monogamia como normas universais cria a ilusão de que dinâmicas relacionais que não se encaixam, possam ser compreendidas como inviáveis ou desviantes.

Compreender a não monogamia como um *não modelo*, como uma possibilidade para além da monocultura dos afetos, nos leva a questionar sua suposta novidade. A não monogamia não é um fenômeno recente, mas sua visibilidade tem crescido significativamente.

Um exemplo disso é que, em 2023, o Brasil foi o terceiro país que mais pesquisou “o que é não monogamia” no Google (Globo.com, 2023). Além disso, aplicativos de relacionamento como *Tinder* e *Bumble* passaram a incluir essa categoria nas opções de apresentação pessoal, sinalizando um reconhecimento maior de outras formas de relacionamento.

Diante desse cenário, surge a questão: muitas pessoas estão enxergando a não monogamia como uma possibilidade concreta para suas vidas, mas como essa mudança impacta a relação terapêutica? De que forma a relação terapêutica pode se transformar ao acolher essas outras configurações relacionais, rompendo com modelos normativos e ampliando espaço para escutas mais plurais e inclusivas? Como podemos, em nossas conversações com nossos clientes, coconstruir formas mais plurais e éticas de pensar e viver os afetos? Como podemos, juntos, tecer essa *artesanía dos afetos* (Núñez, 2023), permitindo que novas possibilidades de existência floresçam?

PENSANDO NOSSA PRÁTICA DE FORMA ÉTICA

Para ampliarmos nossa capacidade de escuta de maneira acolhedora e respeitosa, é essencial expandirmos nosso repertório relacional. Como afirma Wittgenstein, “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.” (Wittgenstein, 1999). Se restringimos nossa compreensão das relações humanas a um único modelo, como o da monogamia, corremos o risco de silenciar experiências e de impor, ainda que sutilmente, normas que não refletem a pluralidade das vivências afetivas.

Uma vez que a linguagem se torna essencial numa abordagem construcionista social, nossas palavras convidam o outro a participarem de um tipo de relação, motivado por afetos a ela associados. Para uma prática terapêutica eticamente orientada em relação à não monogamia, precisamos reconhecer que a monogamia é um construto social – não uma verdade universal. E como qualquer construção cultural, ela pode ser desconstruída e ressignificada. Isso nos convida a suspender julgamentos, a evitar a imposição de valores pessoais e a nos tornarmos genuinamente curiosos sobre as diferenças.

Se tomássemos a ética profissional apenas como um conjunto de normas fixas, baseadas em códigos de conduta e regulamentações, poderíamos, em alguns contextos, enquadrar determinadas práticas como erradas ou até ilegais. No entanto, o convite construcionista é pensarmos a ética não como um sistema normativo absoluto, mas como um fenômeno relacionalmente construído. Em vez de uma ética baseada em regras macroestruturais e discursos culturais dominantes e hegemônicos, propõe-se uma ética relacional (McNamee, 2018), que se desenvolve no nível micro, no espaço interativo de cada encontro terapêutico. E como pensar nossa prática de forma ética quando surgem temas como a não monogamia?

A não monogamia, ao desafiar normas impostas e reivindicar outras formas de se relacionar, se aproxima de reflexões contra-coloniais que questionam padrões culturais dominantes (Núñez, 2023). O construcionismo social e a filosofia colaborativa-dialógica, ao enfatizarem a construção conjunta de significados, oferecem um arcabouço teórico para compreender essas transformações. Assim, pensar a não monogamia na clínica não se trata apenas de validar novos modelos relacionais, mas de sustentar práticas terapêuticas que acolham a diversidade, promovam autonomia e abram espaço para a coconstrução de novas possibilidades.

Pensar a ética relacional na terapia envolve mais do que seguir regras preestabelecidas. Como propõe McNamee (2018), trata-se de estar radicalmente presente na conversa com nossos clientes, praticando uma escuta atenta e aberta às suas realidades. A ética relacional nos convida a desafiar práticas naturalizadas – como a monogamia – e a questionar seu *status* de verdade.

Para mim está claro que a presença radical nos posiciona para apreciar um entendimento relacional do mundo social. Com tantas tradições, crenças e valores para coordenar, como a unanimidade poderia ser possível, como algumas formas abstratas de entendimento/conhecimento poderiam ser possíveis? O mundo é complexo, não é simples. Já é tempo para abraçarmos essa complexidade e desenvolvermos maneiras de *coordenar a complexidade* ao invés de eliminá-la ao dar “diagnósticos de especialistas” para ações descontextualizadas ou parcialmente contextualizadas. Isso é o que nos leva a uma presença radical nas diárias e mundanas trocas de vida. Afinal de contas, não seria mais generativo substituir o impulso de recorrer às práticas normalizadas construídas pelos discursos dominantes pelo impulso de ser curioso sobre as diferenças? (McNamee, 2018, p. 86).

A partir dessa perspectiva, uma postura ética na clínica nos permite acolher a diferença e a complexidade, evitando a busca de práticas universais e padronizadas; propõe que os problemas não sejam tratados como questões individuais isoladas, mas sim como subprodutos de contextos sociais e culturais específicos; orienta-nos a coordenar diferenças em vez de classificar crenças e valores como certos ou errados, criando novas formas de avançar juntos (McNamee, Rasera & Martins, 2024).

Desse modo, uma prática clínica orientada pela ética relacional não se fixa na distinção entre certo e errado, *déficit* ou patologia, mas sim na valorização das vozes de nossos clientes, suas crenças, perspectivas e modos de vida. A terapia se torna, então, um espaço para sustentar novas maneiras de darmos seguimento ao diálogo, com interesse pela diversidade e pelos desafios complexos das relações humanas, na busca de alternativas sensíveis às necessidades de cada um que nos procura.

O POSICIONAMENTO DO TERAPEUTA

A terapia como construção social não sustenta a ideia de neutralidade absoluta. No entanto, podemos refletir: de que forma nosso posicionamento convida (ou não) ao diálogo? Todos nós, em algum nível, carregamos preconceitos e reproduzimos normas culturais hegemônicas. É importante reconhecermos essas influências para cultivarmos uma postura ética e multiparcial (Glaserfeld, 1986) que favoreça um espaço de escuta e respeito à diversidade do mundo.

Todos nós terapeutas possuímos valores, tendências e preconceitos; todos nós temos opiniões sobre as pessoas e sobre como todos deveríamos ou não conduzir nossas vidas. Tais preconceitos simplesmente estão ali. Não podemos ser ‘tábulas rasas’. Consideramos esses preconceitos como oportunidades. Consideramos que eles são a energia que incentiva a curiosidade e impulsiona a busca de outras ideias. Ser capaz de se manter numa posição multiparcial exige que estejamos dispostos a arriscar opiniões e significados alternativos (Anderson & Goolishian, 2018, p. 44).

Posicionarmo-nos a partir de uma postura dialógica, permite-nos colocar dúvidas em nossas certezas e refletir sobre múltiplas formas de ser e estar em relações afetivo-sexuais. Da mesma maneira, entendo ser importante afirmar que a não monogamia não é uma possibilidade mais autêntica de se relacionar. “A não monogamia não torna ninguém eticamente melhor, ela não é uma salvação, é uma possibilidade de construção para além da monocultura dos afetos” (Núñez, 2023, p. 99).

Uma pergunta que escuto com frequência: ‘preciso ser não monogâmico para atender pessoas não monogâmicas?’. Entendo que não é necessário que o terapeuta seja não monogâmico para atender clientes que vivem essa experiência. No entanto, é fundamental que esteja aberto a escutar o outro a partir de sua própria perspectiva, que esteja curioso de conhecer seu mundo sem pressuposições ou julgamentos. Mais do que isso, o profissional deve estar disposto a questionar suas próprias verdades, ampliar seu repertório e permitir-se ser transformado pelo encontro terapêutico.

QUANDO A NÃO MONOGAMIA ENTRA EM CENA NA CLÍNICA: EXPERIÊNCIAS DOS CLIENTES NA TERAPIA

Um dos caminhos que percorri para aprofundar minha compreensão teórica e prática sobre o atendimento em não monogamia, foi um curso on-line voltado para psicólogos, realizado em 2023¹. O objetivo do curso era auxiliar psicólogos e terapeutas a compreenderem a não monogamia de maneira ética e embasada. Como parte da formação, realizamos um estágio clínico supervisionado e no sexto módulo, demos início aos atendimentos com pessoas que buscaram a *Rede Psis Não Mono*² para acompanhamento terapêutico social. Nossa equipe era composta por oito psicólogos, e cada um atendeu um casal e uma pessoa individualmente, totalizando 24 clientes ao longo de cinco encontros.

A experiência nos trouxe um dado impactante: todas as 24 pessoas já haviam passado por processos terapêuticos anteriormente. No entanto, a maioria delas relatou vivências dolorosas nesses atendimentos, marcadas por conversas que reforçaram estereótipos e opressões, trazendo isolamento e sofrimento.

Antes mesmo dessa experiência clínica, a equipe da *RC Não Mono* realizou uma pesquisa via Google Forms para entender como os profissionais estavam lidando com a não monogamia nas sessões terapêuticas, a partir da perspectiva dos clientes³. Ao todo, 200 pessoas que se declararam não monogâmicas responderam ao questionário, que continha 16 perguntas abertas e estruturadas. Os resultados apontaram que:

- 26% dos participantes afirmaram não se sentir à vontade para falar sobre não monogamia na terapia;
- Entre os que abordaram o tema com seus terapeutas, 62,8% relataram experiências positivas, 20,9% disseram que suas experiências foram indiferentes e 16,2% tiveram experiências negativas.

Apesar da maioria dos participantes terem declarado ter tido experiências satisfatórias na terapia, 47,2% deles afirmaram que tiveram vivências indiferentes ou negativas. Esse percentual é significativo e evidencia a importância de ampliarmos o conhecimento e a preparação dos profissionais para lidarmos com temáticas relacionadas à não monogamia, que tem ganhado cada vez mais visibilidade, principalmente no nosso país.

O QUE PODEMOS APRENDER COM AS EXPERIÊNCIAS NEGATIVAS NA TERAPIA?

A seguir, trago algumas respostas da pesquisa “Não Monogamia e Psicoterapia: Como Profissionais Lidam com a Questão da Não Monogamia na Terapia?” (Monteiro, 2020, manuscrito não publicado) ressaltando as experiências negativas na terapia. Embora os dados da pesquisa não tenham sido publicados formalmente, seu conteúdo foi compartilhado integralmente com os alunos do curso on-line e os utilizo

1 Curso on-line oferecido por Adelita Monteiro: “PSIS NÃO MONO: Ajudando Psis e Terapeutas a entender a Não Monogamia”, a REDE PSIS NÃO MONO está disponível no Instagram: @psisnaomono e @rcnaomono

2 Agendamento realizado através do site da “Reflexões e Conexões Não Mono: <<https://www.rcnaomono.com/terapias?category=8a0bf59-ef24-4aed-b7c1-a777f9dcbd76>>. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

3 Pesquisa Não Monogamia e Psicoterapia: Como Profissionais Lidam com a Questão da Não Monogamia na Terapia? (Monteiro, 2020, manuscrito não publicado). Os resultados desta pesquisa não foram publicados, apenas divulgados como material do curso “PSIS NÃO MONO: Ajudando Psis e Terapeutas a entender a Não Monogamia”; porém, algumas considerações a respeito dos resultados estão disponíveis no Facebook e Instagram @psisnaomono e @rcnaomono através do link: <<https://www.instagram.com/p/C5OfuzhLwAH/?igsh=MWR4MzE1MDRhZ3p5MQ>>=>

aqui como recurso ilustrativo de algumas percepções recorrentes entre pessoas não monogâmicas em terapia. Selecionei algumas falas que os participantes relataram ter ouvido de psicólogos e/ou terapeutas durante a terapia e que consideram pouco úteis ou até mesmo desagradáveis.

Minha intenção ao compartilhar esses relatos não é criticar ou julgar os profissionais envolvidos, mas refletir sobre como nossas posturas podem influenciar o processo terapêutico e como podemos construir um espaço mais acolhedor para aqueles que nos procuram. Escolhi sete frases porque elas também representam alguns incômodos que meus clientes e clientes de outros colegas já apresentaram, além de permitir que refletamos sobre alguns mitos comuns quando se trata de não monogamia.

Conhecer o que não funcionou na relação e no diálogo terapêutico anterior é um caminho para aprendermos com os clientes, bem como desmitificar algumas ideias pré-concebidas sobre a não monogamia. Os exemplos nos ajudam a perceber como algumas falas e atitudes — muitas vezes não intencionais — podem impactar negativamente os clientes. A questão aqui não é identificar “terapeutas ruins”, mas sim compreender como crenças pessoais podem, inadvertidamente, ocupar o centro da conversação, deixando de lado a curiosidade genuína e a abertura para outras formas de existência.

Apresentarei em destaque as sete falas atribuídas a terapeutas, relatadas por participantes da pesquisa, seguidas de uma reflexão que podem nos ajudar a continuar a conversa a partir de um viés colaborativo e construcionista social. A seguir (Quadro 1), as três primeiras falas de terapeutas que exemplificam algumas experiências negativas das pessoas não monogâmicas em terapia:

Quadro 1 - Falas atribuídas a terapeutas relatadas por clientes em contexto clínico

1. <i>“Afirmou que a não monogamia não dá certo”</i>
2. <i>“Insinuou que eu querer estar em uma relação não mono tinha a ver com o meu abandono paterno e questionou o porquê de eu ‘procurar’ outras pessoas já que meu marido era tão companheiro”</i>
3. <i>“A profissional me disse que eu deveria terminar com meu relacionamento estável pois estava apenas mantendo a relação por dependência emocional. Isso na primeira consulta”</i>

(Elaborado pela autora)

Esses três primeiros exemplos evidenciam uma postura em que o terapeuta se coloca como detentor do saber, assumindo que há uma forma “correta” de se relacionar. Nessas falas, a não monogamia não é reconhecida como uma possibilidade legítima, mas sim como um desvio, reforçando preconceitos e demonstrando desconhecimento sobre as múltiplas possibilidades de vínculo afetivo-sexual.

No primeiro exemplo, a fala do terapeuta invalida a experiência do cliente, partindo do pressuposto de que há algo de errado na escolha pela não monogamia. “Basicamente, todos os problemas que confrontamos na sociedade contemporânea são sinais de alguma falha ou defeito pessoal dentro de uma visão modernista e individualista” (McNamee, 2018, p. 76). Essa abordagem não apenas desqualifica a vivência do cliente, mas também pode gerar sentimentos de culpa e inadequação, silenciando ou inviabilizando sua singularidade.

No segundo, a pergunta do terapeuta carrega uma suposição implícita de que a não monogamia seria incompatível com relacionamentos que sustentam uma atitude de companheirismo. Além disso, traz implícita a ideia de que uma única pessoa poderia dar conta de todas as demandas emocionais, sustentando mitos como: ‘amor romântico é o único amor verdadeiro’; e ‘o amor conquista tudo’ (Hardy & Easton, 2019).

Isso nos leva a refletir: de onde vem esse questionamento? Que valores construídos sustentam essa perspectiva? O que aprendemos sobre o que significa o que vem a ser um ‘bom’ relacionamento? Ao invés de abrir um espaço de investigação genuína e curiosa sobre a experiência do cliente, a fala do terapeuta pode funcionar como uma reafirmação de normas sociais hegemônicas, trazendo uma psicologização de questões que são vivenciadas cotidianamente pelo cliente.

No terceiro exemplo, o terapeuta propõe uma hipótese diagnóstica que pode influenciar diretamente a condução do processo terapêutico. A partir do entendimento de que “as próprias disciplinas psi têm contribuído para a produção de uma cultura de déficit e patologização da sociedade” (McNamee, Rasera & Martins, 2024, p. 95), devemos ter uma visão crítica das teorias que sustentam nossa prática. Quando o enquadramento clínico da não monogamia ocorre por meio de categorias patologizantes ou pelo discurso do *déficit*, o foco da terapia pode se deslocar da escuta do cliente para a tentativa de “corrigir” sua escolha relacional.

Como nos lembra Anderson e Goolishian (2018), todos nós, pessoas e terapeutas, carregamos preconceitos. No entanto, o desafio ético que se coloca diante de nós não é negar as influências da cultura dominante, mas sim refletir sobre elas. Como podemos, então, conduzir o diálogo terapêutico de maneira que amplie significados e entendimentos sobre a experiência única de cada cliente? Como estarmos dispostos para escutar e colocar à prova nossas próprias opiniões e preconceitos? Como podemos nos tornar mais curiosos e menos normativos, permitindo que as narrativas emergentes sejam acolhidas e coconstruídas na conversa?

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO TERAPÊUTICO ACOLHEDOR

A seguir, apresento mais um conjunto de quatro frases que ilustram experiências ruins de pessoas não monogâmicas no contexto terapêutico (Quadro 2) e demonstram como certas abordagens podem invalidar a experiência do cliente e reproduzir, na terapia, as mesmas opressões sociais vividas fora dela.

Quadro 2 - Outras falas atribuídas a terapeutas relatadas por clientes em contexto clínico

4. <i>“Ficou perguntando como meu ‘marido’ se sentia quanto a isso e não focou nas minhas questões”</i>
5. <i>“Comentou sobre ter sido melhor para mim me relacionar apenas com uma pessoa porque na não monogamia pode ter bagunça energética (...)”</i>
6. <i>“Tentou me convencer de que eu não era não monogâmica, porque estava com problemas no meu relacionamento principal”</i>
7. <i>Ele disse que não acha essa uma forma saudável de relação para mim</i>

(Elaborado pela autora)

As falas dos clientes sobre suas experiências negativas na terapia apontam para algo em comum: a postura do terapeuta muitas vezes reflete valores pessoais e crenças normativas, ao invés de criar um espaço de acolhimento, escuta genuína e reflexão. Isso demonstra a necessidade urgente de que os profissionais estejam preparados para lidar com a não monogamia de forma ética, sem reforçar estereótipos ou impor modelos relacionais como os únicos corretos. Como afirmam McNamee, Rasera e Martins (2024) é necessário que os terapeutas sejam sensíveis a questões de opressões cotidianas em nossa sociedade, como sexualidade e gênero.

A quarta frase sugere que a experiência da cliente não é suficiente por si só e precisa ser validada pelo parceiro, reforçando uma lógica mononormativa que prioriza o vínculo primário, desconsidera a subjetividade da cliente e reforça uma relação de poder do homem sobre a mulher. Ainda nessa frase, a palavra 'marido' escrita entre aspas pela pessoa participante da pesquisa, sugere que essa não foi uma palavra dita por ela, mas talvez imposta pelo terapeuta.

O interesse por múltiplas histórias e a suspensão de nosso desejo de buscar a história 'correta' devem nos orientar em nossas conversações, para que a curiosidade nos guie em direção a novas possibilidades. A maneira que falamos e as palavras que usamos vão informando para nossos clientes os nossos valores e podem abrir ou fechar espaços de diálogo e conexão.

Na quinta frase, o terapeuta sustenta uma crença pessoal, associando a não monogamia a algo desorganizado e negativo. Essa fala reforça o mito de que relacionamentos não monogâmicos são necessariamente instáveis ou desestabilizadores, quando, na realidade, existem diversas formas de vivenciá-los. Além disso, a afirmação carrega implicitamente o estereótipo de que pessoas não monogâmicas são promíscuas, fortalecendo a ideia equivocada de que a não monogamia se resume à quantidade de parceiros. Embora possa envolver múltiplos relacionamentos, a não monogamia não se define exclusivamente por isso.

O preconceito embutido nessa perspectiva também sugere uma conotação negativa da promiscuidade, o que Hardy e Easton (2019) desconstruem ao afirmar que: "Para nós, promíscua é uma pessoa de *qualquer* gênero que celebra sua sexualidade de acordo com a proposta radical de que sexo é bom e que é benéfico sentir prazer (p. 11)". Assim, a permanente atualização profissional e uma reflexão crítica sobre os fenômenos culturais se faz necessário para não exercermos um poder sobre o cliente, mas um *estar com* que se expanda também para incluir questões macrossociais no micro contexto da terapia, como conversas sobre desigualdade e opressões.

Na sexta frase dita por um terapeuta, a abordagem de convencimento parte da ideia de que a não monogamia ser fruto de um problema ou de uma fase transitória, desconsiderando que pode ser uma escolha legítima e consciente do cliente. Essa fala também pode carregar implicitamente o mito da completude e do amor romântico como o único amor verdadeiro (Hardy & Easton, 2019), em que uma relação principal daria conta de tudo e que o parceiro vai procurar outra pessoa apenas quando esta relação 'falha'.

No sétimo e último exemplo, a fala "*Ele disse que não acha essa uma forma saudável de relação para mim*" reflete um discurso que reforça uma cultura de *déficit* e patologização. Quando o terapeuta assume uma posição de especialista que julga determinada relação como 'saudável' ou 'não saudável' para alguém, ele corre o risco de impor suas próprias crenças e valores ao invés de criar um espaço para novas compreensões. Esse tipo de afirmação, baseada em categorias abstratas de certo e errado, pode encerrar a conversa ao invés de ampliá-la, limitando as possibilidades de construção de significados mais contextualizados e relevantes para o cliente.

Diante destas falas que muitas pessoas não monogâmicas escutam na terapia, podemos refletir:

- O que move esses tipos de comentários?
- Que valores eles defendem?
- Com qual intenção são colocados?
- Isso é útil para o cliente? Contribui para as mudanças que ele deseja?

McNamee, Rasera e Martins (2024) chamam atenção para uma dupla sensibilidade do terapeuta: “em que a avaliação do sucesso/fracasso terapêutico é moldada pelas expectativas sociais, e pela demanda contínua de que a terapia seja responsiva aos problemas contemporâneos – exige permanente atualização profissional e reflexão crítica sobre os fenômenos culturais” (p. 107).

Uma ação terapêutica ética não está em oferecer respostas prontas, mas em criar um espaço de diálogo onde novas compreensões possam emergir. Como enfatiza McNamee (2018, p. 79), devemos reconhecer “nossas próprias digitais nas formas de vida que vemos como ‘certas’ ou ‘naturais’”. Isso significa estar disposto a questionar nossos próprios pressupostos e nos engajarmos em um processo de descoberta conjunta, onde cliente e terapeuta possam, juntos, construir novas formas de compreender e viver as relações.

Este é um convite para refletirmos sobre o que não tem funcionado na relação terapêutica e o que não tem sido útil para os clientes não monogâmicos e como podemos fazer diferente. A escuta, a curiosidade genuína e a disposição para questionar nossos próprios pressupostos são ferramentas úteis para construirmos, juntos, um espaço terapêutico ético, inclusivo e transformador.

ALTERNATIVAS RELACIONAIS E DIALÓGICAS PARA O ENCONTRO TERAPÊUTICO

A terapia como construção social não se caracteriza por uma aplicação rígida de técnicas, mas um encontro humano, onde o diálogo acontece de maneira natural e espontânea, (Anderson, 2009). Se não estivermos atentos, corremos o risco de reproduzir, na terapia, as mesmas opressões que nossos clientes já enfrentam na sociedade. Por isso, é primordial que estejamos dispostos a aprender com eles, reconhecendo que são os verdadeiros especialistas em suas próprias vidas.

Porém, ao adotar uma posição dialógica, nós devemos reconhecer que nossas habilidades como profissionais não são uniformemente nem universalmente melhores, corretas ou úteis. É simplesmente uma maneira diferente de abordar, de compreender e interagir com o outro. Como praticantes dialógicos, entramos em nossos compromissos com outros com um senso agudo de que tipo de relação, de que tipo de cenário, de que tipo de entendimentos, nossas ações – nossas perguntas, nossos comentários, nossos movimentos físicos, etc. – *convidam* nossos clientes a entrar. (McNamee, 2018, p. 87).

Entendo que a postura dialógica não é a única forma de dar seguimento à conversa na terapia com as pessoas que se identificam como não monogâmicas. No entanto, ela pode nos ajudar a navegar pela diversidade no encontro terapêutico de maneira que seja útil para nossos clientes. Uma alternativa para as falas negativas que selecionei, seria o terapeuta adotar uma postura mais flexível. Isso não significa que ele deva ser neutro, mas sim que suas percepções, preconceções e opiniões devem ser apresentadas de forma a estimular a reflexão e não como verdades absolutas.

Ademais, a avaliação, julgamento ou busca pelo consenso são características de uma abordagem moderna, enquanto numa abordagem pós-moderna como o construcionismo social, evitamos tentativas de persuadir ou mudar o outro. “O profissional é desafiado a se tornar curioso sobre todas as formas de prática e a explorar os valores e crenças que lhes dão vida sem procurar por um acordo universal” (McNamee, 2018, p. 92).

Considerando esses aspectos, algumas alternativas para dar seguimento à conversação terapêutica de maneira menos hierárquica e mais colaborativa poderiam ser, por exemplo:

- Como tem sido para você viver essa experiência? Que desafios e aprendizados têm surgido nesse caminho?
- O que essa escolha representa para você? Como você se sente dentro dessa configuração relacional?
- Como você percebe a relação entre suas experiências de vida e a forma como você constrói seus vínculos hoje?
- Como tem sido essa experiência para você? O que tem sido mais significativo nesse processo?
- Quais têm sido seus desafios e aprendizados ao vivenciar a não monogamia?
- O que a não monogamia significa para você? Como você sente essa forma de se relacionar na sua vida?
- (...)

Ao invés de afirmar, o terapeuta pode perguntar, explorar e convidar à reflexão para dar continuidade à conversação. Assim, ele tem o compromisso de estar preparado para negociar e mudar seus pontos de vista, apresentando suas ideias de maneira tentativa e sujeitas a mudança (Anderson & Goolishian, 2018).

Para nós, essa disposição para se arriscar e experimentar mudanças é a essência da ética terapêutica. Defendemos, inclusive, que a única pessoa que o terapeuta pode mudar na terapia é ele mesmo. (...). Nós, como terapeutas, estamos continuamente tomando posição; nunca estamos livres de nossos valores e sempre nos comportamos seguindo nossas ideias. Porém, nossos preconceitos nunca são impostos aos clientes. (Anderson & Goolishian, 2018, p. 44).

Manter-se aberto à mudança – tanto o cliente quanto o terapeuta – é essencial para que a terapia não se torne um espaço de imposição, mas sim de descoberta. Ao abraçar a incerteza e adotar uma postura de curiosidade, o terapeuta cria condições para que novas formas de entendimento local e situado surjam. Dessa forma, em vez de fixar o cliente em um diagnóstico ou em um modelo pré-definido de “boa” ou “má” relação, a conversa pode se tornar um espaço de reflexão e resistência à opressão, na qual diferentes perspectivas são consideradas e validadas. Isso permite que o cliente desenvolva significados próprios sobre sua experiência, fortalecendo sua autonomia e sua capacidade de decisão, construindo discursos alternativos que resistam à opressão.

Assim, a postura terapêutica orientada por uma presença radical (McNamee, 2018), proporciona uma atenção ao que estamos fazendo juntos ao nos engajarmos na conversação terapêutica. Isso significa deslocar o foco do “controle” e da “manutenção do problema” para um espaço de descoberta compartilhada.

Para isso, é fundamental que terapeutas reflitam sobre o que os move em suas intervenções clínicas. A partir do que McNamee, Rasera e Martins (2024) nos convidam a pensar, podemos nos fazer algumas perguntas a fim de não reforçarmos pressupostos normativos através de nossas ações:

- Que tipo de conversa estamos promovendo?
- Quais são nossas intenções?

- Quais efeitos estamos gerando ao falar e agir da forma como falamos e agimos?
- Como nossa própria visão de mundo influencia o que consideramos um relacionamento legítimo e saudável?
- Que possibilidades discursivas podem ampliar a reflexão do cliente sem impormos uma verdade absoluta?
- Nossas intervenções estão sendo úteis para os clientes?

A proposta aqui não é buscar respostas prontas, mas sim cocriar novas formas de compreender e ressignificar experiências. É importante estarmos atentos aos efeitos de nossas perguntas, comentários e movimentos. O compromisso com uma prática clínica ética exige que estejamos atentos às nossas próprias suposições, questionando se estamos oferecendo um espaço de escuta genuína ou apenas reforçando padrões hegemônicos que limitam as possibilidades de existência e pertencimento dos nossos clientes.

DA MONOCULTURA À DIVERSIDADE

Como terapeutas, nossa responsabilidade vai além de ouvir, mas convidar nossos clientes ao diálogo, criando um espaço para que possam explorar e refletir sobre suas vivências. Isso exige uma postura reflexiva, na qual examinamos nossas próprias crenças, valores e preconceitos, cultivando uma investigação autoreflexiva (McNamee, 2018) e uma abertura para mudança.

Anderson (2009) nos lembra da importância de nos relacionarmos com o cliente como um ser humano único, e não como categorias de pessoas. Assim, o terapeuta não deve abordar a não monogamia com pressuposições ou perguntas enviesadas, mas sim com curiosidade genuína e respeito à singularidade da experiência de cada um. Além disso, como apontam McNamee, Rasera e Martins (p. 33), devemos “trabalhar em conjunto com nossos clientes para conceber formas mais úteis de nos movermos pela diversidade do mundo”.

Se queremos construir uma prática clínica ética e sensível à diversidade, um caminho possível é nos movermos de uma abordagem tradicional modernista para uma orientação construcionista, na qual o terapeuta não está em posição de definir verdades, mas sim de facilitar o diálogo e a construção conjunta de significados. Isso nos convida a um deslocamento:

- da posição hierárquica à posição colaborativa
- do discurso individualista a um entendimento relacional
- do conhecimento do especialista (da necessidade de diagnosticar ou buscar o sentido de ‘verdade’) ao convite ao diálogo
- do foco nas vozes especialistas e formas de prática inquestionáveis para uma atenção ativa aos processos de se relacionar
- da abordagem normativa à construção conjunta de possibilidades
- da busca por respostas definitivas à construção de recursos esperançosos e generativos
- da postura de confronto ou convencimento para a postura de curiosidade e diálogo
- da naturalização de modelos relacionais à desconstrução/desnaturalização de estruturas sociais dominantes
- da monocultura à diversidade

A terapia pode ser um espaço de reprodução de normas e exclusões, mas também pode ser um espaço de transformação e descoberta. Se nos dispusermos a ouvir com curiosidade e respeito, a renunciar à busca por verdades absolutas e a reconhecer que nossos clientes são os verdadeiros especialistas em suas vidas, então poderemos construir, juntos, caminhos mais éticos, plurais e libertadores. A terapia, assim como as reflexões sobre a não monogamia, podem ser um convite para explorar diferentes formas de estar no mundo. Como sugere Núñez (2023):

A não monogamia pode ser um convite, sempre digo, ao autodesconhecimento, ao estranhamento das perguntas que nossas angústias nos trazem. É sobre abrir espaços para construir outras trilhas, observar por outras óticas que não as da monocultura. (Núñez, 2023, p. 148).

Ao abrir espaço para a construção de novas trilhas, é fundamental estarmos atentos e interessados em diversas histórias, incluindo reflexões sobre o contexto social mais amplo do qual tanto nossos clientes quanto nós fazemos parte. “Como a prática terapêutica participa da manutenção ou transformação do mundo em que vivemos (são levadas em conta questões sociais/culturais mais amplas ou apenas a “psique” do cliente)?” (McNamee, Rasera & Martins, 2024, p. 95). Ampliar o olhar significa incluir questões culturais, sociais e históricas no processo terapêutico, mantendo uma postura crítica também ao conhecimento gerado pelas disciplinas psi.

PRÁTICAS TERAPÊUTICAS MAIS INCLUSIVAS E SENSÍVEIS

Para que a terapia seja um espaço de acolhimento e construção conjunta de significados, é essencial que a postura do terapeuta esteja fundamentada em um posicionamento ético. Isso implica não apenas em reconhecer os próprios preconceitos e suposições, mas em cultivar um diálogo genuíno com o cliente, onde haja espaço para múltiplas perspectivas e experiências, além de uma atenção especial à nossa forma de ouvir, refletir e responder.

Um posicionamento ético envolve presença e disponibilidade para estar *com* o outro de maneira aberta e respeitosa. Prestar atenção aos efeitos e intenções do que dizemos e fazemos em terapia. Como nossas palavras impactam o cliente? Que espaço estamos abrindo (ou fechando) na conversa? “Quem ganha e quem perde com essa forma de entender os problemas e suas soluções (profissionais ou clientes, empresas ou comunidades)?” (McNamee, Rasera & Martins, 2024).

O terapeuta coconstrói o espaço terapêutico a partir de um lugar de aprendiz (Anderson, 2009), adotando uma postura de curiosidade e humildade, reconhecendo que não sabemos tudo e que cada encontro terapêutico é uma oportunidade de aprendizado mútuo. Assim, convida o cliente para que ele possa compartilhar sua experiência e reflexões, sem impormos respostas prontas. Ao escutar ativamente, validando a experiência do cliente e reconhecendo sua autonomia para construir sua própria jornada, manifestamos cuidado e respeito.

É essencial uma atitude de reflexão e autocrítica permanente para estarmos atentos ao que estamos transmitindo pelo modo como falamos, ouvimos, respondemos e entendemos. Como destaca McNamee (2018), é importante nos engajarmos em uma investigação autoreflexiva e nos perguntar: O que nos move em nossas intervenções clínicas? Quais as nossas intenções quando fazemos o que fazemos? Quais os efeitos do que fazemos?

Se nos dispusermos a dialogar, sem pressa de compreender, sem a necessidade de “encaixar” a experiência do cliente em um modelo normativo, então novas possibilidades poderão surgir. Afinal, a terapia não é sobre oferecer verdades absolutas, mas sustentar a incerteza e cocriar significados que façam sentido para aqueles que nos procuram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática clínica diante da não monogamia nos convida a um movimento contínuo de aprendizado, reflexão e abertura para o novo. Não há um roteiro fixo ou um modelo ideal a ser seguido, mas sim a necessidade de navegar nesse mar de incerteza, diversidade e complexidade com sensibilidade e ética.

Como aprendiz, o terapeuta não está ali para ensinar o “caminho certo”, mas para criar, junto com o cliente, possibilidades de reflexão e novos significados. É fundamental que o terapeuta questione os discursos normativos, abrindo-se para aprender, compreender e conversar na linguagem do cliente. Para sustentar um espaço terapêutico acolhedor e respeitoso para pessoas que vivenciam a não monogamia, reforço alguns pontos fundamentais para estarem presentes em nossa prática:

- Reconhecer nossos preconceitos e refletir sobre como lidamos com eles, para que não se sobreponham ao diálogo com o cliente;
- Explorar nossos próprios valores e crenças, assim como os valores e crenças de nossos clientes, com respeito, humildade e curiosidade, adotando uma postura de aprendiz;
- Estarmos abertos à mudança, compreendendo que a terapia é um encontro de mundos, e não um espaço de validação de um único modelo de existência;
- Conhecer sobre a não monogamia, compreendendo os mitos e narrativas dominantes que podem emergir na relação terapêutica;
- Entender que a não monogamia não é uma fuga, uma fase ou algo passageiro, mas uma alternativa legítima de se relacionar afetivo-sexualmente;
- Apreciar a diferença como parte natural da vida social, permitindo que o outro aconteça para nós sem que tentemos encaixá-lo em padrões pré-estabelecidos;
- Ouvir com curiosidade e autenticidade, criando um espaço onde o cliente possa se expressar sem medo de julgamento.

Reforço esses pontos, lembrando que ainda há uma infinidade de aspectos relevantes na construção do processo terapêutico que seja colaborativo e dialógico para uma abordagem ética da não monogamia. A prática terapêutica é, antes de tudo, um processo vivo, que se constrói na troca, no diálogo e na disposição para aprender uns com os outros.

Com este trabalho pretendi trazer algumas reflexões e questionamentos para que nós, terapeutas de família e casal, psicólogos e/ou outros profissionais que lidam com pessoas, possamos manter uma atitude ética, curiosa e respeitosa diante da multiplicidade dos relacionamentos humanos. Este não é o único caminho, nem o melhor. Mas é um convite para seguirmos em movimento, nos desafiando a ampliar nossa escuta, questionar certezas e enriquecer nossa prática clínica com a diversidade de experiências que a vida nos apresenta.

REFERÊNCIAS

- Anderson, H.** (2009). *Conversação, linguagem e possibilidades: Um enfoque pós-moderno da terapia*. Roca.
- Anderson, H., & Goolishian, H.** (2018). Sistemas humanos como sistemas linguísticos: Implicações para a teoria clínica e a terapia familiar. In M. A. Grandesso (Org.), *Colaboração e diálogo: Aportes teóricos e possibilidades práticas* (pp. 23–58). CRV.
- Glaserfeld, E. von** (1986). Steps in the construction of “others” and reality: A study in self-regulation. In: Trapp, R. (Ed.). *Power, autonomy, utopia: New Directions toward complex systems* (pp. 107–116). Plenum Press.
- Globo.com.** (2023, 9 de julho). O que é não-monogamia? Brasil é 3º país que mais busca termo no Google, atrás apenas da Austrália e do Canadá. G1. <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/07/09/o-que-e-nao-monogamia-brasil-e-3o-pais-que-mais-busca-termo-no-google-atras-apenas-da-australia-e-do-canada.ghtml>
- Hardy, J. W., & Easton, D.** (2019). *Ética do amor livre: Guia prática para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas*. Elefante.
- Lima Junior, N. S., & Miranda, R.** (2022). Não-monogamia política: Por um projeto coletivo e emancipatório. In C. E. Dermarch Villalón, V. F. Silva, & M. Verlard (Orgs.), *Em movimento: Memórias, experiências e performances coletivas*. Edições EACH. <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/758>
- McNamee, S.** (2018). Profissionais como pessoas: Encontros dialógicos para transformação. In M. A. Grandesso (Org.), *Colaboração e diálogo: Aportes teóricos e possibilidades práticas* (pp. 75–95). CRV.
- McNamee, S., Rasera, E. F., & Martins, P.** (2024). *Praticando a terapia como construção social*. Instituto Noos.
- Monteiro, A.** (2020). *Pesquisa Não Monogamia e Psicoterapia: Como profissionais lidam com a questão da não monogamia na terapia?* [Manuscrito não publicado].
- Núñez, G.** (2023). *Descolonizando afetos: Experimentações sobre outras formas de amar*. Planeta do Brasil.
- Perel, E.** (2018). Monogamia e seus dissabores: O casamento repensado. In E. Perel, *Casos e casos: Repensando a infidelidade* (pp. 225–244). Objetiva.
- Vasallo, B.** (2022). *O desafio poliamoroso: Por uma nova política dos afetos*. Elefante.
- Wittgenstein, L.** (1999). *Tractatus logico-philosophicus*. Dover Publications. (Obra original publicada em 1922).

VALÉRIA NICOLAU PASCHOAL

Psicóloga, Terapeuta de Casal, Família e Comunitária; Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP); Membro da Diretoria da Associação Paulista de Terapia Familiar – APTF (2022-2025)

<https://orcid.org/0000-0001-8282-545X>

E-mail: psicologavalerianp@gmail.com